EM JARAGUÁ DO SUL (SC), O HECTARE DE TERRA MAIS CARO DO PAÍS, UM CASAL LUTA PARA SALVAR AS ÚLTIMAS ÁREAS REMANESCENTES DE MATA ATLÂNTICA E GARANTIR A BIODIVERSIDADE E O FUTURO DAS PRÓXIMAS GERAÇÕES

A ARCA DOS WOEHL

FORMADA PELAS COPAS dos manguezais, a paisagem vista do alto é de um verde deslumbrante. Sobrevoar as matas da região de Joinville (Santa Catarina) oferece um panorama semelhante a de um descobridor observando pela primeira vez a Mata Atlântica, onde, segundo a história oficial, desembarcou Pedro Álvares Cabral há 508 anos. O clichê se justifica. O nome do país foi batizado sob o nome de uma espécie de árvore então muito comum no bioma, o pau-brasil (revisionistas dizem que foi a árvore que foi batizada sob as características climáticas da terra). Hoje, o estado de Santa Catarina possui ainda 20% de seu território tomado pela Mata Atlântica. No Brasil, há apenas 7,26% remanescentes da floresta, sendo que apenas 1% é de mata virgem. O pau-brasil se encontra em extinção. A aeronave em que estamos pousa mais cedo do que o esperado na pequena pista localizada entre fragmentos dessa floresta, mas nossa anfitriã, Elza Nishimura Woehl, já espera no aeroporto para nos conduzir até a cidade de Jaraguá do Sul, onde irá nos apresentar seu trabalho.



COMPROMISSO Germano e Elza Woehl: casal unido na defesa da Mata Atlântica

Olhando do ponto de vista de um estranho, a rotina pesada desta paranaense radicada em Guaramirim (SC) não é muito diferente da de qualquer outra mulher bem-sucedida profissionalmente à beira dos 50 anos. De tênis esportivo, camiseta branca e calças jeans, ela "dorme com as galinhas e acorda com o galo", brinca. Para manter a forma, ela se levanta cedo para praticar corrida ("Mas não é todo dia"). Quando é noite de lua cheia, acorda ainda mais cedo para aproveitar a claridade e aproveitar melhor o tempo. De hábitos simples, aparenta ter menos idade do que declara (ela tem 49), não traz sinal de maquiagem no rosto e suas unhas, curtas, não estão feitas. Como único sinal de vaidade, uma jóia no pescoço: um colar dourado com um pingente na forma de um sapo sorridente.

POR *MÁRCIO CRUZ*

Mas é menos na aparência e sim no discurso e na biografia que a vida de Elza e seu marido, o pesquisador Germano Woehl Jr., 47 anos, toma uma direção oposta a da maioria dos casais tradicionais. Casados há 25 anos, desde 1998 eles passam a maior parte do tempo em cidades diferentes, distantes 670 km uma da outra – ela em Guaramirim, ele em São José dos Campos (SP). Filha de uma família de agricultores e neta de imigrantes japoneses, aos 21 anos ela conheceu Germano, estudante de física da Universidade Estadual de Londrina (PR). Descendente de austríacos e egresso da cidade de Itaiópolis, no Planalto de Santa Catarina, ele se encontrava a caminho de concretizar um sonho de adolescência: tornar-se cientista. Casaram-se três anos depois. O casal ainda viveu em São Carlos (SP), onde Germano defendeu seu mestrado, e em São José dos Campos, onde hoje ele ganha a vida como pesquisador do departamento de Fotônica do Instituto de Estudos Avançados do Centro Técnico Aeroespacial, debruçado na análise do comportamento do átomo de cálcio congelado em raio laser.

Assim como Germano, Elza cresceu observando o comportamento predatório dos agricultores. "Eu via meu pai cortando palmito, mas não sabia que era errado", ela lembra. Durante a infância e adolescência de Germano, sua cidade natal ainda mantinha 70% a 80% da mata nativa preservada. "Hoje não chega a 20%", lamenta ele, com voz suave, em conversa telefônica na tarde anterior à minha viagem para Jaraguá do Sul. A velocidade com que as áreas remanescentes de mata atlântica se transformavam em pastos, e mais tarde, em campos para a plantação de soja e pínus para a indústria de papel e celulose, gerou no casal o instinto de preservação, um alerta natural a qualquer espécie, mas que parece estar adormecida no ser humano.

Em 1994, os dois compraram uma pequena propriedade em Guaramirim, a 40 minutos de Joinville. Encantados pela riqueza da diversidade do local e angustiados com o ritmo do desmatamento das matas da região, começaram a fotografar e catalogar todas as formas de vida que encontravam, sobretudo rãs, sapos e pererecas. Apenas na propriedade de quatro hectares, identificaram 41 espécies. Tomados por um sentimento de compaixão pelos animais do bioma, os Woehl passaram a ter a defesa da Mata Atlântica como objetivo de vida, e decidiram convencer outras pessoas de que eles estavam com a razão. Transformar a pequena propriedade em uma versão diminuída da "Arca de Noé" seria algo impossível, mas eles poderiam conseguir avanços nesse sentido se obtivessem a ajuda necessária. "Começamos a tentar convencer mais pessoas, porque não dá para recriar todos os ambientes. Cada animal depende de condições específicas e ali não era possível reproduzir todo tipo de habitat", explica Germano.

A primeira ação do casal foi organizar exposições sobre a fauna local em escolas públicas. Em 2003, fundaram a ONG Rã-bugio, sob a bandeira da preservação dos anfíbios, patrocinada pela Fundação O Boticário e Fundação Avina. A área em Guaramirim ganhou o nome de Santuário Rã-bugio e não demorou a ser transformada em Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN). Por fim, conseguiram a autorização da prefeitura para construir as sedes do Instituto Rã-Bugio e do CIMA (Centro de Interpretação da Mata Atlântica) em uma área de 40,6 hectares na região, além de serem selecionados pela Petrobras para um projeto de educação ambiental que deve contemplar sete mil crianças – segundo Elza, "os únicos indivíduos que ainda podem salvar o planeta". Quando ficar totalmente pronto, o CIMA será um centro de referência nacional de educação ambiental e poderá atender escolas dos municípios da região norte de Santa Catarina, além das escolas de Joinville. "Temos planos para um intercâmbio com a Universidade de Iowa (EUA)", comenta Germano, que, nas horas vagas, se dedica à elaboração de projetos para angariar fundos para o Instituto.


1

É POUCO MAIS DE UMA HORA DA tarde quando chegamos à promissora sede do Instituto Rã-bugio acompanhados por Elza Woehl. A área abriga dois tipos de floresta: primária (natural) e secundária (florestas regeneradas com 30 a 40 anos de recuperação), mamíferos de diferentes espécies (mão-pelada, serelepes e tatus), anfíbios (rãs, sapos e pererecas), aves e outros animais silvestres ameaçados de extinção. Um grupo de 20 adolescentes, a maioria descendente de alemães, italianos e húngaros, olha atentamente para dentro do carro. Antes de começarmos a trilha pela propriedade, Elza avisa aos jovens sobre a companhia de uma equipe de reportagem de uma revista de São Paulo.

O objetivo das trilhas interpretativas organizadas pelo Instituto é explicar os efeitos devastadores da ação do ser humano na floresta e o poder de regeneração do bioma, além de sensibilizar os adolescentes e crianças para que respeitem as áreas preservadas. "Só a sociedade Brasileira pode salvar a Floresta Amazônica e a Mata Atlântica", diz Germano. "O que nós queremos é mostrar cultura e conhecimento". Outros dois grupos já estão percorrendo a trilha à frente de nosso grupo, através de dois caminhos alternativos. Mais adiante, em uma clareira aberta no meio da floresta, se encontram as instalações do dormitório, um sobrado em construção que vai abrigar estagiários por períodos de três a seis meses. Ao todo, trabalham diretamente nas atividades de educação ambiental do Instituto Rã-bugio duas biólogas, dois estagiários e a própria Elza, diretora executiva.

A caminhada se inicia atrás do refeitório. A trilha é levemente íngreme e o solo, mesmo em período de estiagem, está úmido. Uma névoa verde e acolchoada envolve as árvores, das mais

"NOSSO OBJETIVO É SÓ MOSTRAR PARA AS PESSOAS, PARA AS CRIANÇAS, PORQUE ELAS PRECISAM PRESERVAR O QUE RESTA DO ECOSISTEMA. DAÍ, A SOCIEDADE DECIDE. MAS PARA DECIDIR, É PRECISO TER CONHECIMENTO", DIZ GERMANO.





DEFESA DA VIDA

1. Indivíduo da espécie filomedusa, mascote do Santuário Rã-bugio 2. Sapo-pingo-de-ouro, descoberto pelo casal Woehl. O menor sapo do mundo (11 mm) só ocorre em ambientes altamente preservados . 3. Elza Woehl alerta adolescentes sobre a importância de preservar o meio ambiente. "Em 30 anos, pode não haver água na região". 4. Missão cumprida? Elza posa para fotos após mais um longo dia de compromissos de ações pelo meio-ambiente. "Eu durmo com as galinhas e acordo com o galo"



baixas até as de 30 metros de altura. "Parece até uma obra de arte, né? Mas é uma obra de arte assassina", brinca Elza, se referindo às taquarinhas, uma espécie de bambu exótico. Aos poucos, seus caules finos e cortantes se prendem nos galhos e folhas das árvores até sufocá-las por completo. Combater é quase impossível. "Por que elas se dão tão bem aqui? Os mais antigos dizem que é porque havia plantação de eucaliptos e pastagem. Então o solo foi saturado. E é um tipo de planta que se adapta facilmente", ela explica. Cada espécie de árvore é uma nova estação, traçando um caminho em zigue-zague sobre folhas e raízes. Uma delas chega a agarrar as pernas do fotógrafo Lucas Lima, levando-o ao chão.

Outras espécies de árvores, como a imbaúba e o pau-jacaré – cujo caule na fase jovem lembra a pele do réptil de mesmo nome – são o primeiro sinal de esperança em um trecho de floresta em regeneração. Elza se empolga: "A estrutura dessa árvore [*imbaúba*] é muito bonita. O caule oco, olha, está escutando o barulho? As raízes aéreas... ela é adaptada a crescer até em lugar bem pedregoso, né? E o mais importante..." – a ambientalista altera o tom, sua fala está mais cadenciada – "o fruto dessa árvore é alimento de todos os animais que se alimentam de frutos e insetos da floresta. A retirada de uma árvore dessas representa a retirada de comida da boca desses animais. E quem é que planta essas árvores? São os animais". Parte do trabalho diário da ambientalista é transmitir informações para estudantes da maneira mais clara e didática possível, e relacionar o conhecimento aprendido no dia-a-dia com a realidade do bioma. "Isto daqui também é uma planta exótica, todo mundo acha lindo. Chamam de beijinho, a gente chama de 'maria-sem-vergonha'", ela explica, com a meticulosidade e a paciência de quem lidou com 17 mil crianças nos últimos dez anos.

"A Elza chega a ficar louca quando vê a pegada de um mão-pelada no chão", brinca Volnei de Souza, diretor da Escola Jonas Alves de Souza, que visitava o Instituto naquele dia. "A Elza e o marido vivem isso de preservar. É a paixão dela. Seria enjaulá-la se a tirassem daqui."

JÁ É METADE DA TARDE, MAS NO INVERNO, o anoitecer se aproxima mais rapidamente. Do topo das árvores, é possível ouvir o canto do *Ramphastos Dicolorus*, o tucano-de-bico-verde. Elza começa a última parte da palestra iniciada pelos monitores. "Vocês acreditam em Deus?", ela pergunta. "Não? Gente, tem de acreditar! Tudo isso eu digo, independente de religião, inferno, somos nós que praticamos. Inferno eu vejo aqui na Terra. Tem gente que fala: 'Ai, quando eu morrer eu vou pro céu, não quero ir pro inferno! Não, gente, o inferno e o céu são aqui. Depende da atitude que nós praticamos, principalmente com a natureza. Hoje vou contar uma história". Os estudantes parecem vidrados em Elza. Ela prossegue: "Em 2006, pai e filho foram caçar na floresta. O garoto devia ter 15 anos. O pai, que tem mais experiência, conseguiu matar o bicho primeiro. Aí, ele gritou o nome do filho e foi ao encontro do bicho que ele havia matado, que era grande. Chegou lá, sabe quem ele tinha matado?" Os estudantes já parecem saber a resposta. "O filho", respondem, em coro. "Daí, eu pergunto, será que esse pai é um coitado?", Elza continua seu monólogo em tom mais enérgico. "Ele teve de matar a pessoa que mais amava para sentir o mesmo que os bichos sentem. Ele matou um filho de 15 anos. O que se faz com a natureza, a gente acaba pagando. O nosso inferno vai depender do grau de maldade que praticamos com a natureza. Quem respeita a natureza sabe respeitar as pessoas também. E toda essa violência que estamos vivendo hoje é devido à falta de respeito com a natureza. Se você não sabe respeitar uma formiga, como é que posso respeitar você?"

As crianças estão liberadas para o lanche, mas o trabalho de Elza ainda não acabou. Ela aconselha estudantes e professores sobre a elaboração do relatório que terão de enviar para o Instituto em alguns dias para, em seguida, se despedir dos visitantes. Depois de posar para fotos, é hora de retornar para Guaramirim, onde dará os últimos retoques na apresentação que fará para a Petrobras no dia seguinte.

Observando a revoada vespertina dos pássaros, Elza teoriza sobre o papel da mulher na educação ambiental e na defesa dos recursos naturais do planeta. "A mulher tem mais sensibilidade, até porque, a mulher enquanto animal, tem o instinto materno". Apesar do tom da voz, agora mais baixo, o comentário é enfático: "Se for para fazer alguma coisa para a natureza, vão ser elas".

O repórter MÁRCIO CRUZ *entrevistou Manu Chao na RS 17 (fev. 2008).*

LUCAS LIMA (3,4); DIVULGAÇÃO (1, 2)